

## **Estratégias de comunicação pública da ciência na Copa do Mundo de 2014\***

A preparação para o pontapé inicial dos jogos

Marcelle Louise Alves\*\*

### **Resumo**

Este artigo propõe refletir a comunicação pública da ciência pelo viés narrativo, a partir da demonstração do exoesqueleto BRA-Santos Dumont I na cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014. Por meio da ponte entre ciência e comunicação pela perspectiva da tradução intercultural de Ricoeur (2011), procuramos perceber quais as estratégias adotadas pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis para divulgar a demonstração em sua página no *Facebook*. Para isso, analisamos as publicações do cientista entre os dias 4 de abril a 12 de junho. A metodologia passa por categorias derivadas principalmente dos sentidos que emergem nos textos, a partir das questões discutidas no referencial teórico.

**Palavras-chave:** Comunicação Pública da Ciência; Tradução Intercultural; Cultura científica.

### **Abstract**

This paper aims to reflect on the public communication of science through narrative, examining the demonstration of the exoskeleton BRA-Santos Dumont I at the opening ceremony of the 2014 World Cup. Through the bridge between science and communication, following Ricoeur's (2011) perspective of intercultural translation, the work seeks to understand strategies adopted by Brazilian neuroscientist Miguel Nicolelis to disseminate this demonstration on his Facebook page. In this sense, the paper analyzes the scientist's posts from April 4 to June 12. The methodology is based on categories derived mainly from the meanings that emerge in the texts, and on issues discussed in the theoretical review.

**Keywords:** Public Communication of Science; Intercultural Translation; Scientific Culture.

---

\* Trabalho apresentado no GT 6 – Discurso, Ciência e Poder do 8º CONECO/ XII Poscom PUC-Rio, outubro de 2015.

\*\* Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG (2016). Bacharel em Comunicação Social Universidade Federal de Viçosa (2014).

## Introdução

O cientista brasileiro Miguel Nicolelis vem alcançando grande projeção na mídia nacional e internacional, sendo reconhecido e premiado pelos avanços de suas pesquisas em neurociência, principalmente as realizadas pelo *Projeto Andar de Novo* (em inglês, *Walk Again Project*). Formado em Medicina pela Universidade de São Paulo, Nicolelis vive nos Estados Unidos e é professor da *Duke University*, onde grande parte do projeto é desenvolvida.

O projeto coordenado pelo pesquisador é um consórcio internacional sem fins lucrativos entre instituições de pesquisas de diversos países e propõe restaurar a mobilidade de pessoas com lesões graves na medula espinal. Para isso, utiliza uma tecnologia conhecida como interface cérebro-máquina que permite que, através de comandos enviados pelo cérebro para uma veste robótica (também chamada de exoesqueleto), pacientes paraplégicos possam se movimentar e ter a sensação de andar novamente.

Resultado de mais de 30 anos de pesquisas na área, o exoesqueleto BRA-Santos Dumont I foi projetado para ser utilizado por um paraplégico na cerimônia de abertura da Copa Mundo de 2014, sediada no Brasil. Desta vez, a missão dos pesquisadores do *Projeto Andar de Novo* era fazer com que o paciente utilizando a veste robótica realizasse o pontapé que daria início aos jogos.

Todo o processo de preparação para a Copa foi registrado diariamente na página do neurocientista no *Facebook*<sup>1</sup>, de onde também saiu o material utilizado pela imprensa de todo o mundo para divulgar os avanços e resultados da pesquisa. Bastante ativo nas redes sociais, Nicolelis usa sua página para divulgar notícias sobre o projeto, por meio de pequenas notas, relatos, fotos, vídeos e *links* que direcionam o leitor para conteúdos externos, como matérias de jornais e *sites* e publicações de trabalhos em revistas científicas.

Lançando nosso olhar sobre as dinâmicas de comunicação contemporâneas, percebemos que os meios de comunicação desempenham um importante papel na produção e difusão do conhecimento e na interpretação da ciência, além de ser um espaço para a sua discussão pública e sua legitimação (HJAVARD, 2012). Com a crescente importância da mídia para a formação da opinião pública e a escassez de recursos destinados à ciência, e, portanto, a dependência da aceitação pública para que cientistas tenham algum tipo de retorno, a ciência precisa ser cada vez mais midiática, o que se denominou midiatização da ciência (WEINGART, 1998).

Para reivindicar o seu espaço, cientistas têm utilizado meios de comunicação alternativos para divulgar as suas pesquisas, não mais restritos às mídias de comunicação de massa e às revistas e eventos científicos. Com isso, as redes sociais, *blogs* e *microblogs* têm se destacado como ambientes de interação com o público e, por isso, de legitimação das pesquisas científicas. Ao tornar seus trabalhos midiáticos, cientistas buscam aumentar a visibilidade de seus avanços e também de suas dificuldades, muitas vezes relacionadas à falta de recurso e de espaço na mídia.

Um exemplo relevante desta mudança em curso na comunicação da ciência é a página do neurocientista Miguel Nicolelis no *Facebook*. Neste artigo propomos uma reflexão sobre a comunicação pública da ciência através da ponte estabelecida entre ciência e comunicação pela dimensão da narrativa, a fim de perceber quais as estratégias adotadas pelo cientista para divulgar a demonstração em sua página no *Facebook*. Temos como *corpus* um conjunto de textos sobre a simbólica demonstração pública do exoesqueleto publicados na página de Nicolelis entre os dias 4 de abril, início da contagem regressiva, e 12 de junho, data da demonstração pública.

Procuramos identificar as narrativas sobre o evento e problematizá-las, segundo as questões que emergem dos próprios textos, a partir do conceito de tradução mimética ou intercultural de Ricoeur (2011). Além disso, pretendemos perceber como as demais questões (sociais, políticas, econômicas etc) foram tratadas, quais elementos foram convocados para construção das narrativas. Para isso, consideramos os aspectos culturais da atividade científica, dos processos de produção e difusão do conhecimento científico, levando em conta não só elementos da própria ciência, mas também midiáticos e sociais, isto é, elementos da cultura científica.

Segundo Castelfranchi (2003), para estudar a cultura científica é preciso considerar os aspectos mais profundos da cultura, como as metáforas, os símbolos, os medos e o imaginário social. Assim, acionamos operadores analíticos que representam o imaginário moderno da atividade científica e que descrevem a ciência como: 1) novidade e progresso; 2) método e instrumento de domínio sobre a natureza; 3) saber democrático que permite a libertação dos povos; 4) saber "superior", separado do conhecimento comum por linguagem e conceitos que poucos podem entender e 5) tecnociência, saber tão poderoso que pode se transformar em inúmeras tecnologias e transformar radicalmente nossas vidas, tanto para o bem como para o mal.

Com isso, pretendemos ampliar nossa compreensão das dinâmicas de comunicação pública da ciência, percebendo como esta se dá a partir das narrativas produzidas num contexto específico. E, principalmente, propiciar uma reflexão sobre a comunicação pública da ciência fora dos termos

tradicionais de divulgação científica, afetados por questões que passam pelas dinâmicas de produção e difusão do conhecimento científico, e pelos processos de construção de sentidos.

Para isso, convocamos uma bibliografia ancorada em dois eixos teóricos - nos quais nos aprofundaremos a seguir-, que discutem: a ciência e a sua condição pós-moderna e as narrativas na perspectiva de Ricoeur, com ênfase para o conceito de tradução, em torno do qual será desenvolvida a análise. Cabe ressaltar que este artigo é parte da pesquisa de dissertação em desenvolvimento pela autora e, portanto, não apresenta conclusões, apenas alguns apontamentos do que já foi observado até o presente momento.

## **A ciência no paradigma pós-moderno**

Segundo Santos (2006), a ciência do paradigma emergente é assumidamente tradutora, sendo assim, ela “incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidas localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem” (2006: 77). Esta perspectiva dialoga com a noção de tradução que trataremos mais à frente sob a ótica narrativa de Ricoeur, que considera os aspectos culturais para fim de produção de sentidos em diferentes instâncias.

Para Santos (2006), todo conhecimento científico é socialmente construído, assim, a partir do senso comum, a ciência deve transformar-se num novo e mais esclarecido senso comum. Tendo isso em vista, ele defende uma nova forma de produção de conhecimento que não separe pesquisador e objeto, afirmando o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência.

Latour (2000) tem uma visão próxima a esta ao afirmar que para se estudar a ciência e a tecnologia pós-modernas é preciso tratar de uma ciência em construção e não aquela dada como ciência acabada. Segundo ele, o que os leigos sabem sobre ciência e tecnologia é fruto de sua vulgarização, quase ninguém está interessado no seu processo de construção.

Alguns cientistas falam de ciência, de seus métodos e meios, mas poucos se submetem à disciplina de também agirem como leigos; o que eles dizem sobre o que fazem é difícil de conferir sem um esquadrinhamento independente. Outras pessoas falam sobre ciência, de sua solidez, seu fundamento, seu desenvolvimento ou seus perigos; infelizmente, quase ninguém está interessado no processo de construção da ciência. Fogem intimidados da mistura caótica revelada pela ciência em ação e preferem os contornos organizados do método e da racionalidade científica (LATOUR, 2000: 33).

O modelo de conhecimento que emerge no novo paradigma é baseado na superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais e, portanto, de algumas distinções como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. Estas aproximações se dão pela aplicabilidade que as teorias físico-naturais buscam ter no domínio social, o que tende a valorizar os estudos humanísticos (SANTOS, 2006).

Segundo Santos (2006), a lógica existencial da ciência pós-moderna é promover “a situação comunicativa”. Não existe uma hierarquia entre as explicações científicas da natureza ou da sociedade e as crenças, entre pressupostos, para dizer da realidade. Todas elas, a religião, a arte, a poesia, por exemplo, carregam consigo modos diferentes de olhar para a mesma coisa.

Estas reflexões sobre o contexto científico pós-moderno, em que as inovações se proliferam, as entidades e as instituições se multiplicam, vêm ancorar nosso olhar sobre o objeto. No que se refere às discussões sobre a ciência e sua relação com as diversas instâncias da ação social, principalmente a midiática, nosso olhar se volta para os possíveis diálogos que aí se estabelecem, mas também com atenção às clivagens e possíveis desentendimentos e que alimentam as discussões sobre a ciência. No tópico seguinte, apresentaremos uma forma de olhar para a comunicação pública da ciência que leva em conta aspectos da cultura, trabalhando com o conceito de tradução intercultural de Ricoeur.

## **A tradução**

A noção de tradução já vem sendo utilizada para tratar do jornalismo científico, em que o jornalista é tido como o tradutor que faz a ponte entre os textos da ciência e o leitor, através do texto jornalístico. No entanto, esta lógica da comunicação pública da ciência, também conhecida como *teoria do déficit*, em que o cientista é considerado o sábio, o cidadão o ignorante e o jornalista científico ou divulgador da ciência o construtor da ponte entre essas figuras, é acusada de simplificar, empobrecer e vulgarizar os textos científicos, além de desconsiderar o papel crítico da opinião pública. Por este motivo, vem sendo substituída, mudando o modo de pensar e fazer a divulgação científica (VOGT, 2008).

Para Castelfranchi (2010), a divulgação científica precisa superar o modelo comunicativo informacional:

A ciência faz parte da nossa cultura da nossa maneira de criar arte, de nossos medos e fantasias, de nossa prática e de nosso pensamento. A ciência é apropriada ou debatida, de forma mais ou menos aperfeiçoada, por setores relativamente importantes da população. São necessárias, portanto, não mais “seringas” para inocular informações e noções, mas, sobretudo, bússolas de qualidade para a informação que já circula (CASTELFRANCHI, 2010: 18).

Ao tratar a ciência como parte da cultura, Castelfranchi (2010) dialoga com a ideia de tradução colocada por Ricoeur (2011). O autor entende a tradução como algo que ocorre fora das hierarquias dos processos comunicacionais, dando a ela um lugar na instância cultural, onde são feitas as negociações de sentido.

Ricoeur (2011) aproxima o trabalho da tradução ao da memória e ao do luto, para dizer que é preciso assumir a impossibilidade da tradução perfeita e de uma apropriação total daquilo que é estrangeiro. Nesse sentido, o autor cria o conceito de hospitalidade linguística, “onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro” (RICOEUR, 2011: 30).

Tomamos a metáfora da tradução como base para pensar a tradução na comunicação pública da ciência, não mais nos termos tradicionais do jornalismo científico, mas como uma complexa mediação que implica o efetivo posicionamento do cientista, ou seja, da ciência, articulando elementos de sua própria cultura ou modos de ser e estar no mundo, que correspondem à forma como as experimentamos. Esta experiência na pesquisa dá-se materializada na rede social *Facebook*, especificamente na página do neurocientista Miguel Nicolelis, abrangendo as particularidades da ferramenta e da atuação do pesquisador na cobertura da demonstração do exoesqueleto. Tendo isso em vista, selecionamos três publicações de Nicolelis que julgamos centrais para apresentarmos nossa primeira impressão sobre as estratégias adotadas por ele durante a preparação para a demonstração pública do exoesqueleto.

## **Análise**

### **A “missão impossível”**

No dia 7 de abril, Nicolelis publicou um vídeo<sup>2</sup> com a seguinte descrição: “66 dias 06 horas 37 minutos e 09 segundos. Muitos disseram que a missão era impossível. Mas a 66 dias da abertura da Copa, exoesqueleto do Projeto Andar de Novo dá os primeiros 6 passos no chão. Acompanhe nesse videoclip o momento histórico”. Com duração de 1 minuto e 6 segundos, as imagens mostram o momento em que o exoesqueleto dá os primeiros passos no chão. A postagem teve 2.322 curtidas, 1.682 compartilhamentos e 304 comentários.

A cena se passa em uma sala do laboratório AASDAP-AACD, em São Paulo, onde foram feitos os testes finais com o exoesqueleto. Ao longo do vídeo, é possível perceber, ao fundo, a presença de três pessoas, provavelmente pesquisadores do projeto, além de outra pessoa (cuja sombra aparece no chão) que filma a movimentação do robô. A gravação parece ter sido feita sem nenhuma preocupação com enquadramento, iluminação, apenas como um registro interno, de caráter quase amador, de um momento importante para o projeto.

O primeiro elemento que nos chamou atenção nesta postagem foi a utilização do recurso audiovisual. A escolha de Nicolelis em divulgar este momento considerado “histórico” em formato de vídeo revela a preocupação de mostrar que os primeiros passos realmente aconteceram, e, dessa forma, provar para o público que a proposta do projeto era possível. A estratégia de usar o vídeo como prova fica ainda mais evidente em uma parte da descrição que diz “Muitos disseram que a missão era impossível”, como se através dele a equipe mandasse um recado para aqueles que duvidaram que fosse possível fazer com que o exoesqueleto funcionasse. A imagem que se cria a partir disso é diferente da imagem que seria criada caso o neurocientista optasse por contar o feito por meio de um pequeno relato, semelhante à descrição que acompanha o audiovisual, ou se postasse apenas uma foto, como ele faz em outros momentos. A possibilidade de ver o exoesqueleto dando os primeiros passos no vídeo faz com que quem o assista tenha a sensação de estar dentro daquele laboratório acompanhando tudo. Pensando na tradução intercultural podemos notar um tom messiânico da publicação, como se Jesus voltasse a terra para fazer o paraplégico andar, estratégia semelhante às adotadas em alguns programas religiosos transmitidos pela televisão.

O recurso audiovisual tem sido muito explorado pela mídia nos últimos anos, principalmente devido ao desenvolvimento e à popularização das tecnologias de comunicação

móveis, como os *smartphones* e os *tablets*. Ferramentas de vídeos passaram a ser incorporadas às redes sociais, como no *Facebook*, no *Instagram* e, mais recentemente, no *Twitter* (com o aplicativo *Periscope*) e no *Snapchat*. No caso da publicação de Nicolelis, o vídeo, além de ser um recurso utilizado para aproximar a ciência do público, pode ser percebido também como um esforço de inserção na dinâmica atual da mídia, em que os vídeos têm ocupado um lugar de destaque. Ao mesmo tempo em que aproxima o público, também o limita. Mostrando resultados concretos e indicando predicados do poder da ciência, Nicolelis mostra a ciência como um conhecimento superior e a torna distante dos não cientistas.

Para ser postado na rede social, o material passou por uma edição, na qual foi adicionada uma trilha sonora, a música tema dos filmes da série *Missão Impossível* (*Mission: Impossible*). Os filmes fazem parte do gênero “ação” e contam histórias de agentes secretos que recebem missões e enfrentam grandes perigos e dificuldades para executá-las com sucesso. O tema musical que é a identidade da série e é muito conhecido pelo público confere dinamicidade ao conteúdo, deixando o vídeo mais lúdico e, de certo modo, pretencioso. Além de ser uma forma de fazer referência ao filme, mostrando os momentos de ação e de superação das dificuldades do próprio projeto, a trilha faz alusão à fala daqueles que disseram que a missão era impossível de um modo sarcástico, em um tom quase provocativo. Esta última observação releva muito sobre a relação de Nicolelis com os críticos, sejam eles cientistas ou não, que não acreditavam na missão do projeto. O cientista possui algumas inimizades no meio acadêmico e na mídia, o que contribuiu para a recepção negativa da proposta, principalmente no Brasil. Vale ressaltar o tom auto elogioso, a linguagem publicitária que, antes de mais, revelam uma perspectiva triunfante da ciência e do seu realizador (Nicolelis), o que deixa à mostra alguns jogos de poder e vaidades implicados na produção científica.

Do ponto de vista da tradução, Nicolelis considera vários aspectos culturais para compor a sua narrativa, como o próprio audiovisual, a referência às pessoas que disseram que a missão era impossível e ao filme, porém fica oculto o que faz com que o exoesqueleto dê os primeiros passos. Não se sabe, até mesmo pelo enquadramento, proposital ou não, como é a parte de cima da veste robótica, se ela está pendurada e se algo está fazendo com que ela se movimente. Pelas imagens é possível ver apenas a sombra no chão, deixando a sensação de mistério quanto a como ela é completa e sobre o seu funcionamento. De modo geral, a imagem passada nesta publicação é de uma ciência tida como novidade e progresso, que está propondo um aparato tecnológico novo.



### O “momento histórico”

No dia 16 de maio, faltando menos de um mês para a demonstração, Nicolelis publicou um novo vídeo<sup>3</sup>, desta vez mostrando um dos pacientes paraplégicos caminhando pela primeira vez com o exoesqueleto. A descrição diz “Momento histórico: oitavo voluntário caminha pela primeira vez com o exoesqueleto e desfruta da sensação de andar novamente”. A gravação, que tem duração de 25 segundos, teve 5.998 curtidas, 5.326 compartilhamentos e 564 comentários.

O cenário é o mesmo da postagem que acabamos de analisar, uma sala do laboratório AASDAP-AACD. Ao fundo, aparecem duas pessoas sentadas, uma delas é Gordon Cheng (à direita), cientista da Universidade Técnica de Munique, na Alemanha, responsável pela estrutura robótica do exoesqueleto. Também em segundo plano, podemos ver uma cadeira de rodas no canto esquerdo, que, supostamente, pertence ao paciente paraplégico que aparece no centro da imagem caminhando pela primeira vez com a veste robótica. Em primeiro plano, além do voluntário, estão outros dois pesquisadores do projeto, que parecem estar apoiando os braços do paciente, um de cada lado. No chão, uma marcação feita com fita adesiva parece determinar o caminho que ele deve fazer.

O enquadramento escolhido nos permite ver apenas as pernas das pessoas no primeiro plano, não permitindo assim a sua identificação. A identidade dos oito pacientes paraplégicos selecionados na AACD foi preservada até o dia da demonstração, quando foi revelado quem daria o pontapé inicial da Copa. Apesar de apenas uma pessoa ter sido escolhida, todas foram preparadas da mesma forma. Ao identificar o paciente como o “oitavo voluntário”, Nicolelis opta por uma descrição geral, mas que traz informações importantes sobre a quantidade de voluntários envolvidos no projeto, sobre o processo mostrado no vídeo e o fato de todos já terem passado por ele. Em um pequeno relato<sup>4</sup> numa postagem feita horas antes, o pesquisador anunciou que o último dos oito pacientes havia caminhado com ajuda do exoesqueleto. Diante disso, podemos perceber a postagem como uma prova do que ele havia dito antes, confirmando os avanços do projeto em sua fase final.

As imagens mostram o paciente dando oito passos com dificuldade, sendo possível ouvir o barulho feito pela estrutura robótica enquanto ele se movimenta. O “momento histórico”, como é descrito na postagem, e a forma que o cientista escolheu para divulgá-lo, mostram a ciência como método e instrumento de domínio sobre a natureza e também como tecnociência. Apesar de ficar

oculto como o exoesqueleto funciona, uma vez que não se explica quais os métodos e instrumentos utilizados, ver o paraplégico caminhando com o exoesqueleto, mesmo que devagar e mostrando certa dificuldade, é diferente de ver o exoesqueleto funcionando sozinho, como vimos na postagem do dia 7 de abril. Com isso, podemos ter uma ideia sobre a aplicação do robô, ou seja, da veste robótica como o instrumento que faz o paciente caminhar.

Se notarmos a cadeira de rodas atrás, como se estivesse abandonada num canto, deixada de lado, a noção de ciência que tem domínio sobre a natureza e que pode transformar as nossas vidas isto é, tecnociência, fica ainda mais evidente. O paciente que perdeu os movimentos das pernas devido a uma lesão medular e que depende da cadeira de rodas para se movimentar está de pé, comandando o exoesqueleto e tendo a sensação de andar novamente. Esta imagem tem um impacto muito forte, principalmente para pessoas que também sofrem com este tipo de deficiência, pois se passa a ideia de que com o desenvolvimento do exoesqueleto elas não mais precisarão da cadeira de rodas.

Pensando na tradução intercultural, podemos dizer que a postagem de Nicolelis explora o imaginário social, principalmente quando coloca um paraplégico caminhando com a ajuda de uma veste robótica, tendo uma cadeira de rodas ao fundo. Na publicação, estão em jogo alguns medos e símbolos que fazem parte não só da vida de pessoas paraplégicas, mas da sociedade como um todo, revelando um pouco sobre a relação do pesquisador com a instância social. Coloca-se em questão o medo da ciência de modo geral e mais especificamente o medo em relação ao experimento científico, tido como algo que representa perigo, que oferece riscos tanto para o paciente quando para o cientista. Esta é uma visão fruto da imagem do cientista atrapalhado, desastrado, cujas experiências não saem como o planejado e acabam causando grandes problemas, criada em muitos livros, filmes e desenhos animados, como a famosa história de *Frankenstein*, do *Incrível Hulk (The Incredible Hulk)*, do livro/filme *Eu, robô (I robot)* e do filme *A.I. Inteligência Artificial (A.I. Artificial Intelligence)*, entre outras. Visto desse modo, a veste robótica, o robô, aparece como símbolo deste medo, que representa o aparato tecnológico, o não humano, o racional, o mecânico, aquilo sobre o qual nós não temos controle e conhecimento absoluto, o desconhecido. A cadeira de rodas (símbolo internacional de acessibilidade, utilizado em locais com acesso especial para deficientes), por sua vez, também aparece como um símbolo que representa a deficiência física. A imagem de uma cadeira de rodas nos remete a pessoas que não podem

caminhar, seja por uma lesão temporária ou não, o que está em destaque no vídeo é o contraste entre a cadeira deixada de lado e o paraplégico caminhando.

## 12 de junho de 2014: “É hoje”

Após meses de preparação e atualizações constantes na página, chegou o grande dia. Às 13:50 do dia 12 de junho de 2014, uma quarta-feira, Nicolelis postou um vídeo<sup>5</sup> com a breve descrição “É hoje”. O vídeo foi postado horas antes do início da cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014, quando o pontapé inicial dos jogos seria dado por um dos pacientes paraplégicos do *Projeto Andar de Novo*. Ele tem duração de 30 segundos e teve 9.944 curtidas, 17.237 compartilhamentos e 913 comentários.

O vídeo foi uma das primeiras publicações audiovisuais de caráter institucional na página, sendo inclusive assinado com a logomarca do projeto. O material parece ter sido preparado, editado, exclusivamente para a ocasião, a fim de apresentar rapidamente alguns momentos importantes da preparação para o evento e que ainda não haviam sido mostrados. Além disso, parece ter sido estrategicamente postado, quando faltavam apenas algumas horas para a demonstração, para criar ainda mais expectativas no público que aguardava ansioso o início da cerimônia de abertura.

Nas imagens podemos ver a atividade cerebral monitorada em um computador; membros da equipe trabalhando, incluindo o próprio Nicolelis; a movimentação dentro dos laboratórios; alguns pacientes – que agora aparecem de corpo inteiro, mostrando os rostos – sendo preparados para a demonstração, um deles se movimentando na cadeira de rodas, outro fazendo um exercício de fisioterapia; alguns detalhes do exoesqueleto sendo “montado” no corpo de alguns e, por fim, os pacientes aparecem prontos para a demonstração. Todas estas imagens foram intercaladas por trechos que formaram a seguinte frase: “30 anos de pesquisa, 25 países, 150 pessoas, o primeiro passo começa aqui agora”.

De modo geral, o conteúdo do vídeo é uma síntese do que foram os 30 anos de pesquisa do projeto, com foco para os momentos finais. Podemos perceber, de acordo com as imagens selecionadas e, principalmente, com a mensagem que aparece ao longo do vídeo, que um dos objetivos é mostrar que existia uma equipe de pesquisadores de diversos países envolvida nas atividades, que não é o trabalho de um único cientista. Além disso, ressaltar que o pontapé inicial

da Copa era “o primeiro passo” do *Projeto Andar de Novo* e não uma pesquisa finalizada que resultaria em exoesqueletos sendo comercializados nos meses seguintes.

Nesta postagem, Nicolelis trabalha principalmente com a ideia da ciência como novidade e progresso, uma vez que o vídeo mostra a trajetória da pesquisa até o dia da demonstração, criando um ambiente de suspense em relação às próximas horas.

## Considerações finais

A princípio, podemos fazer algumas considerações sobre as três postagens que analisamos. Pode-se dizer que, de certo modo, Nicolelis não se orienta pelo “modelo do déficit” para divulgar a pesquisa, porque, primeiro, ele está num lugar de fala que permite que ela seja informal, que ele se relacione com as pessoas de igual para igual, apesar de ser ele quem produz e divulga o material; segundo, porque, por estar numa rede social, ele tente explorar elementos da cultura para se comunicar melhor com o público; e, por último, porque ele mostra o processo da pesquisa no interior do laboratório, os testes, principalmente durante a preparação para a Copa. Apesar disso, nenhuma das postagens mostra as dificuldades da pesquisa, que é uma característica importante quando tratamos da comunicação pública da ciência fora dos modelos tradicionais.

Por outro lado, pode-se dizer que existe uma ambiguidade neste processo, uma vez que o cientista, na tentativa de superar o modelo do déficit, se apropria de uma estratégia que o coloca no primeiro plano da ciência, sem pudores com a aproximação com o público e com a mídia. Esta observação aponta para outra maneira de perceber a tradução intercultural da ciência que traz em suas estratégias contradições e ambiguidades.

Notamos também a forma como o neurocientista explora as imagens para criar um clima de expectativa no público, antes da demonstração. Nas duas primeiras postagens que analisamos, não é possível ver a estrutura robótica toda, somente as pernas, nem saber como ela está funcionando. Na segunda, inclusive, não podemos identificar quem é o paciente paraplégico. São detalhes que fazem a diferença porque mexem com a curiosidade do público.

Também podemos notar em algumas postagens a forma como Nicolelis lida com a questão social do projeto, algo que fica muito evidente nas colocações sobre como o exoesqueleto pode mudar a vida de milhões de pessoas. É possível também perceber como ele lida com a questão política, como na primeira postagem, em que ele faz referência às pessoas que disseram que fazer

o exoesqueleto caminhar era uma missão impossível. Ao considerar o contexto em que estas postagens foram feitas, podemos dizer que Nicolelis reage às provocações externas e, até mesmo, provoca os críticos.

Todas as observações feitas até o momento dizem muito das estratégias de comunicação utilizadas por Nicolelis e são importantes de serem destacadas, mas ainda não são suficientes para apontarmos conclusões. Ressaltamos que este artigo é fruto da pesquisa de dissertação em desenvolvimento pela autora e, portanto, carece ainda de investigação mais aprofundada, abrangendo mais textos e olhares diferenciados.

---

## Notas

<sup>1</sup>Página do neurocientista: <https://www.facebook.com/pages/Miguel-Nicolelis/207736459237008?fref=ts>.

<sup>2</sup><https://www.facebook.com/207736459237008/videos/776973242313324/>. Acesso: 08/2015.

<sup>3</sup><https://www.facebook.com/207736459237008/videos/799671436710171/>. Acesso: 08/2015.

<sup>4</sup>[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=799602660050382&id=207736459237008](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=799602660050382&id=207736459237008). Acesso: 08/2015.

<sup>5</sup><https://www.facebook.com/207736459237008/videos/815027618507886/>. Acesso: 08/2015.

## Referências bibliográficas

CASTELFRANCHI, Y. Imaginando uma paleontologia da cultura científica. In: *ComCiência*, Campinas: Unicamp, Labjor jul 2003. Disponível em: <<http://comciencia.br/reportagens/cultura/cultura17.shtml>>. Acesso: 08/2015.

\_\_\_\_\_. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro: Fiocruz / COC / Museu da Vida, 2010, p. 13-21.

HJAVARD, S. Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: *Revista MATRIZES*, v.5, n.1, jan./jun. 2012, São Paulo, p. 53-91.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2000.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 3v.

\_\_\_\_\_. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

VOGT, C. Divulgação e cultura científica. *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&id=436>. Acesso: 08/2015.

WEINGART, P. *Science and the Media*. *Research Policy* 27:8, 869-879. 199